

O SENTIDO ÍNTIMO: UMA APRESENTAÇÃO DA FILOSOFIA DE MAINE DE BIRAN

ANDRÉ RENATO DE OLIVEIRA¹

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar alguns pontos fundamentais da filosofia de Maine de Biran. A filosofia biraniana tem sido qualificada como uma autobiográfica, uma biografia interior, pois suas experiências interiores influenciam diretamente sua filosofia. Toda a filosofia biraniana é pautada pelo esforço de interpretar tal experiência interior e encontrar nesta o princípio fundamental da ciência. Maine de Biran é o filósofo do sentido íntimo, ou seja, da consciência interior onde crê encontrar não só o eco fundamental da vida consciente, mas também o princípio que o levou às últimas consequências sua filosofia espiritualista. Daí seu pensamento ser sistemático, desenvolvido sob planos sucessivos que se sobrepõe e se conectam sob a unidade fundamental da primordial intuição psicológica. Biran seria responsável por retomar a questão da experiência interna e seus dados imediatos a fim de imaginar o objeto conforme o modelo experimental das coisas externas, mas para atingir tal fim é necessária a experiência interna para só então pensar o externo, esta posição de destaque da experiência interna teria sido segundo Biran abandonada pela filosofia moderna. Há assim em Biran uma redução da metafísica à psicologia e por este viés que o autor irá inaugurar a corrente psicologista.

Palavras-chave: Maine de Biran. Esforço. Psicologia. Espiritualismo Francês.

Abstract

The objective of this article is to present some fundamental points of the philosophy of Maine de Biran. The biranian philosophy has been described as an autobiographical, an interior biography, because its inner experiences directly influence its philosophy. The whole of biranian philosophy is guided by the effort to interpret such an inner experience and to find in it the fundamental principle of science. Maine de Biran is the philosopher of the inner sense, that is, of the inner consciousness where he believes to find not only the fundamental echo of conscious life, but also the principle that has brought him the ultimate consequences of his spiritualistic philosophy. Hence his thought is systematic developed under successive planes that overlap and connect under the fundamental unity of primordial psychological intuition. Biran would be responsible for retaking the question of inner experience and its immediate data in order to imagine the object in accordance with the experimental model of external things, but to achieve such an end, internal experience is necessary to think only of the external, this internal experience would have been second Biran abandoned by modern philosophy. There is thus in Biran a reduction of metaphysics to psychology and by this bias that the author will inaugurate the current psychologist.

Keywords: Maine de Biran. Effort. Psychology. Spiritualism French.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: andrerpro@hotmail.com

1. A escola de Condillac: O início

Percebe-se já em seu *Jornal* (*BIRAN Jornal p.70*) que Maine de Biran define o caminho a ser seguido por suas investigações invocando o que considera um trabalho exemplar: “O materialismo do sábio conduz adiante o problema que religa diretamente a moral à psicologia”. Esta referência é feita ao trabalho: *Ensaio sobre a origem do conhecimento humano* de Condillac.

Porém, não temos conhecimento mediante a bibliografia consultada de que o jovem Biran tenha aceitado a psicologia proposta por Condillac sem adições ou correções. Veremos como Biran a princípio é entusiasmado pelas ideias de Condillac e quais serão as censuras que lhe conferirá posteriormente.

Em seus primeiros escritos assinala Delbos (p.75) “ costuma-se dizer que Maine de Biran no início é um discípulo de Condillac, aderindo ao sensualismo e o tem aceitado como método e que ele retomaria a doutrina de Condilllac... mas isto não é verdade, Maine de Biran jamais foi um verdadeiro discípulo de Condillac.”

Em contra partida, se em seus primeiros escritos Maine de Biran crítica categoricamente determinadas partes da filosofia de Condillac, não se pode esquecer que esta mesma filosofia toma forma no interior da filosofia biraniana. Parafraseando Gouhier (p.64) “antes de ser aristotélico, Aristóteles é um platônico que corrige Platão”, da mesma forma Biran antes de ser biraniano é um condillaquiano que corrige Condillac.

De fato poderíamos alegar veracidade à posição de Gouhier, pois neste período um pensador que estivesse interessado na ciência do espírito dificilmente se interessaria por outra escola senão a de Condillac. Descartes apenas aparece em seus primeiros escritos como: “sublime arquiteto de uma física e de uma biologia mecanicista” (*BIRAN Jornal T.I p.32-34*) já Leibniz não aparece antes do ano de 1798 num texto sobre a influência dos signos. Maine de Biran neste momento está longe de suspeitar que estes dois metafísicos pudessem ter um lugar de destaque quando se trata da ciência do homem.

O jovem Biran declina-se então a buscar a base para seus trabalhos nos pensadores que tratam cientificamente o espírito e não era somente com Condillac que

podia contar, havia também Charles Bonnet e posteriormente seus seguidores: Destutt de Tracy e Cabanis, herdeiros direto de Condillac e Bonnet.

Estes permaneceram presentes em seu pensamento, o texto de Bonnet: *Notas sobre o ensaio analítico da alma* permanece como seu livro de cabeceira.² Neste momento Maine de Biran tem em mente um projeto filosófico que é impulsionado pela questão proposta pelo *Instituto*, a pergunta proposta é a seguinte: qual a influência dos signos sobre a formação de nossas ideias, colocando assim a tona um problema fundamental a filosofia de Condillac. Mas Biran manifesta-se apenas posteriormente quando o mesmo *Instituto* coloca em pauta a questão sobre a influência do hábito sobre a faculdade de pensar.

A pergunta seria sobre os efeitos que produz cada uma de nossas faculdades intelectuais mediante a repetição das mesmas operações. Eis o problema fundamental da escola, pois o próprio autor do *Tratado das sensações* afirma que: “este é o único trabalho onde se tem desempossado o homem de todos os seus hábitos” (*Condillac Traité p.324*) Isto quer dizer que uma vez o homem seja desprovido de seus hábitos, o elemento primário aparecerá em estado puro, por conseguinte, as gêneses de todas as faculdades coincidem com a aquisição do hábito, tal explicação dispensa todo o apelo ao inatismo.³

Em 1802, Biran começa a impressão de seu trabalho e este aparece no final deste mesmo ano. Ninguém duvida que este trabalho seja um ensaio de *Ideologia*.⁴ Seu texto: *A influência do hábito sobre a faculdade de pensar* apresenta-se como uma espécie de defesa e ilustração da *Ideologia*. O próprio autor confessa no prefácio da obra: “lançamos as armas aos inimigos ainda mais numerosos da ciência ideológica” (*BIRAN Influência.. Introd.*).⁵

Ainda no final de 1802 novamente o *Instituto* propõe um novo concurso, a pergunta seria: Como se decompõe a faculdade de pensar e quais são as faculdades elementares que necessitamos reconhecer? Ora o método de Condillac é postulado por estes mesmos termos e ao redigir sua resposta, Maine de Biran percebe que seu escrito crítico ao

² Cf. Gouhier p.67

³ *Ibidem* Condillac p.326

⁴ Cf. Gouhier p.69

⁵ E segue: “É necessário meditar sobre os princípios da ideologia, pois tem sido mais fácil criticar esta ciência do que entendê-la...” e numa correspondência de 26 de novembro de Hulthem a Biran este inicia a carta da seguinte forma: caro ideólogo....

trabalho de Condillac o levaria para fora desta escola. Sua ruptura com a *Ideologia* torna-se evidente numa correspondência de maio/junho de 1804 a Destutt de Tracy:

Condillac [...] começa por separar o elemento afetivo de tudo o que ele não é, a estátua torna-se sua sensação e não outra coisa. A capacidade de análise não poderá ir mais longe, o autor do Tratado das sensações tem fixado os limites e o verdadeiro início para esta feliz expressão: tornar-se. A apercepção pessoal não dá-se na primeira afecção pura e simples, nisto concordamos, mas se não há eu na primeira afecção como poderia ele estar na segunda ou na passagem de um ao outro ou mesmo na combinação de vários? Enquanto permanecemos rigorosamente na mesma hipótese de um ser sentindo-se idêntico a todos seus modos ou não sendo outra coisa para si mesmo a não ser sua sensação, eu não digo que ele experimente, mas que ele torna-se sucessivamente ou simultaneamente [...] há um salto do primeiro estado da estatua aquele que segue imediatamente e em minha opinião uma oposição se manifesta entre a hipótese fundamental e as deduções seguintes que me impedem de acreditar que Condillac coloque na estatua uma alma ou uma substância espiritual supondo tacitamente alguma virtude misteriosa que se uni a sensação pura e a transforma em percepção ou qualquer outro ato intelectual. Assim é possível censurá-lo por ter imitado os alquimistas que se estão convencidos em fazer ouro combinando ou trabalhando substâncias que conteriam partes desse metal... (*BIRAN Correspondência com Tracy* p.257)

A crítica de Biran refere-se claramente a posição de Condillac em seu ensaio, ali ele distingue duas formas de metafísica: “uma ambiciosa que rompe todos os mistérios, a natureza, a essência dos seres, as causas mais obscuras, eis o que ele promete descobrir” pura quimera. A outra: “mais limitada ainda, relaciona sua experiência à fraqueza do espírito humano”.

Maine de Biran não admite que os instintos sejam hábitos adquiridos, seguro disto ele evocara contra Condillac exemplos que tira da história natural. Biran (*BIRAN Notas sobre...T I p.216*) dirá em *Notas sobre o tratado da natureza dos animais* que: “não posso concordar com o que ele chama aqui de instinto, acredito ser melhor desconsiderar sua existência do que concordar com o que o autor diz” e segue: “ eu confesso que a segurança com que o Sr. Condillac trata do sujeito obscuro é surpreendente, porém não considero que seja bem fundada...”

Para Biran o instinto não é nada mais que um hábito privado de reflexão, mas adquirido através dela, esta posição biraniana é claramente influenciada por Rousseau. Esta posição adotada por Biran atesta ainda mais seu distanciamento sobre Condillac e o coloca sob uma perspectiva mais vitalista, salientamos os trabalhos de Bichat e Barthez como as principais influências neste momento, é curioso ainda informar que no *Jornal* não há os trabalhos sobre fisiologia pura.

O jovem Biran argumenta que Condillac não era suficientemente fisiologista e tão pouco um bom psicólogo, mas Biran está convicto disto apenas em 1798 após ler a *Língua dos Cálculos* de Condillac. Ele nunca aceitou a teoria da “sensação transformada”, sem ser, todavia capaz de exprimir claramente as razões de sua fisiologia. No texto: *Memórias sobre a decomposição do pensamento (BIRAN Mémoire... p.28)* Biran mostra claramente sua posição adversa despertado por um trabalho póstumo de seu amigo Van Hulthem. Há dois Condillac aquele do *Ensaio* ainda próximo de Locke, reconhecendo ao lado da sensação uma reflexão: a origem do conhecimento humano, mas há infelizmente outro Condillac aquele do *Tratado das sensações* e da *Lógica*, cuja *Língua dos Cálculos* esclarece sua infidelidade à psicologia.

Apesar de ainda ter influência do primeiro a ruptura com o segundo é inevitável.⁶ Nesta polêmica com o Condillac do *Tratado*, Biran encontra em Charles Bonnet um outro viés psicológico. Bonnet é uma autoridade em um estudo que chama: psicologia. Esta nova influência é vista claramente no capítulo VII (§56) do texto: *Ensaio analítico* onde diz: “eu gostaria que este pequeno trabalho fosse uma psicologia experimental” Biran reconhece neste texto uma espécie de física experimental da alma, esta teoria é fundada por Bonnet.

O texto de Bonnet: *Ensaio analítico sobre as faculdades da alma* parece ser o manual de psicologia de Biran. Para Bonnet (*Ensaio cap.IV §22*) o homem não seria tal alma nem tal corpo ele seria o resultado da união de uma determinada alma com determinado corpo. Assim a estátua de Condillac teria um nariz e um cérebro antes de ter o odor das rosas. O que Bonnet procura é uma tradução fisiológica dos fenômenos psicológicos. Biran segue este caminho e intensifica suas pesquisas, mas posteriormente se apoiara e discutira com os fisiologistas contemporâneos a fim de demonstrar sua

⁶ Cf. Gouhier p.88

teoria do eu ativo em seu esforço contra o corpo que lhe resiste, demonstrando sua tese do *fato primitivo da experiência interna*.

2. A descoberta das sensações internas: o início

Duas preocupações dominam o espírito de Biran em suas pesquisas iniciais sobre a ciência do homem: unir a psicologia à fisiologia e saber exatamente qual é a atividade do espírito. Ao se distanciar de Condillac e se aproximar de Bonnet, aceitando os esquemas rigorosamente semelhantes aos do *Ensaio analítico*, substituí o princípio da “sensação transformada” pelo dualismo da atividade e sensibilidade. Mas colocar uma atividade irreduzível à sensibilidade não lhe é suficiente, pois se ela permanecesse subordinada tal permanência nada mais seria do que uma aparência, o dualismo deve ser conduzido por estas duas vias distintas, de modo que segundo o testemunho do sentido íntimo a vontade tenha de fato sua fonte em si mesma.⁷

As preocupações de Biran passariam a compor uma única problemática: unir mais adequadamente do que fez Condillac a psicologia e a fisiologia, esta é a condição exigida para se fixar com precisão o que é a atividade do espírito em relação as sensações internas. Mas introduzir o sentimento da existência na ciência do espírito era uma tarefa muito difícil para o jovem Biran, que contava apenas com a filosofia de Condillac e com os esquemas psicofisiológicos de Bonnet. A presença íntima e atuante de seu corpo permanece fora de qualquer expressão filosófica.

Biran vê a necessidade de buscar um novo “guia” e o encontra em Cabanis, que lhe mostrara como unir à psicologia uma fisiologia completa e concreta. Cabanis leu em 1796 diante do público no *Instituto* um texto intitulado: *Considerações gerais sobre o estudo do homem e sobre as relações de sua organização física com suas faculdades intelectuais e morais*. Texto que causa um impacto em Biran.

Em 1799 um novo concurso do *Instituto* faz Biran colocar a tona suas novas concepções. A questão proposta pelo *Instituto* era: “*determinar a influência do hábito sobre a faculdade de pensar*”, Biran rapidamente envia seu trabalho, encontramos nesse texto uma clara influência de Cabanis. Este texto nos mostra o que os mestres de Biran

⁷ Ver: Gouhier p.108

lhe têm ensinado, mas há agora uma há crítica que se constitui com a influência de Cabanis.

Com Bacon o espírito era conduzido pelo método experimental liberto dos “devaneios e absurdos” que seduziram Descartes. A concepção de que todas as nossas ideias vêm dos sentidos. Este princípio é anunciado agora por Biran através da formula de Cabanis (*História fisiológica* p.152): “A sensibilidade física torna-se o fato geral, a faculdade primária a qual vêm se ligar todos os fenômenos, todas as leis particulares que regem os seres inteligentes” exatamente como a atração newtoniana é “o fato geral da matéria”.

Biran (*BIRAN Carta a Tracy* p.230) é categórico sobre a influência de Cabanis ao confessar que: “ Não tenho necessidade de nomear o filósofo cujo tenho emprestado destes artigos a ideia e as vezes até mesmo algumas expressões, mas eu ousa dizer que estas ideias tornaram-me próprias após um longo tempo e me tinham sido sugerido por minha própria constituição embora eu não tivesse sabido desenvolve-las nem talvez as tivesse esclarecido a mim mesmo.”

De fato não foi necessário ninguém para Biran descobrir a realidade da sensibilidade interna, mas Biran reconhece as análises de Cabanis “o que já se sabe pela consciência ele aprende a traduzi-las em ciência”. Reconhecendo o auxílio ele escreve a Tracy (*BIRAN Carta a Tracy* p.230) “ o trabalho de nosso grande amigo me forneceu todas as fontes para a aplicação da fisiologia à ciência do entendimento humano”.

Apontando para a influência dos órgãos internos sobre o pensamento Cabanis revela de uma maneira admirável os pontos de contato e a ligação íntima que existe entre a fisiologia e a metafísica, revelando a face oculta desta última oferecendo-lhe um campo não menor, porém mais rico que aquele que Locke tem aberto e que Condillac tem seguido. Assim Biran muito naturalmente apresenta seu trabalho como uma pedra de um novo edifício.

A *Influência do hábito* é consagrado a esta nova aliança entre a psicologia e a biologia que fundara a ciência do homem. Esta intenção manifesta-se neste momento sob um tom de entusiasmo, mas este entusiasmo se sustentaria até a redação final da obra?

O texto final diferente do primeiro é claramente um trabalho mais literal e científico. Das principais modificações na estrutura do trabalho nota-se um esforço

contínuo para assegurar o equilíbrio da memória e nunca perder de vista o hábito; as sensações internas descobertas por Cabanis conservariam sua importância, mas não encontra-se num lugar central, outras questões como por exemplo, motilidade serão mais desenvolvidas a crítica religiosa passa a ser menos inusitada. Mas nenhuma destas mudanças traduz uma verdadeira evolução do pensamento.

3. O Esforço (*L'Effort*)

Apesar de apontarmos para a relativa indiferença entre as edições, vale aqui uma ressalva. Nos dois textos sobre o *hábito* (*Memórias*) encontramos a teoria do *esforço* e este está nitidamente ligado à distinção fundamental das faculdades perceptivas e sensitivas.

Já na introdução da *Memória sobre a influência do hábito* Biran deixa claro sua análise das sensações relativa ao toque. Quando o sentimento predomina até certo ponto o movimento que contribuí com ele é entendido como se não houvesse ninguém, ou seja, uma vez que o indivíduo não tem consciência a impressão permanece passiva. Biran atribuí a todos desse gênero o nome de sensação. Se o movimento toma de algum modo a iniciativa ou mesmo se esta em relação a sensibilidade num grau de equilíbrio tal qual não seja perdido o indivíduo é ativo em sua impressão, ele percebe a parte que apreende, a distingue de si mesmo, pode compará-la com outras etc. Eu chamaria percepção toda impressão que possui tais características.⁸

Limitamo-nos, contudo por um instante sobre esta impressão de *esforço* que nasce de todo movimento imposto. O *esforço* detém consigo a percepção de uma relação entre o ser que move ou que deseja mover-se e um obstáculo qualquer que se opõe ao seu movimento, sem um sujeito ou uma vontade que determine o movimento sem um limite de resistência, não há *esforço* e sem *esforço* não há conhecimento de qualquer percepção.

Se o indivíduo não deseja ou não fosse determinado a começar mover-se ele nada conheceria, se não houvesse resistência não conheceríamos nada, nem suspeitaríamos dela e sequer teríamos a ideia de nossa própria existência.

⁸ BIRAN *Influência do hábito...* p. 16

Ao iniciar o movimento se ele é impedido a primeira resistência, por exemplo, se quando um corpo é posto sob a palma de nossa mão e não é possível fecha-la detendo-se no mais sutil contato, o indivíduo sabe apenas que existe um obstáculo, mas não saberia se este obstáculo é intransponível, sólido, duro ou mole e etc. Estas propriedades da matéria não podem se manifestar a não ser que se deseje continuar o movimento e é a intensidade do *esforço*, pressionando o obstáculo com toda sua força sem poder fechar a mão. Há uma condição fixa que faz conhecer a impenetrabilidade, a dureza, se o obstáculo cede mais ou menos facilmente, ele possui diversos graus de moleza, mobilidade etc.

Assim o indivíduo não percebe a primeira relação de existência a não ser enquanto comece a mover-se, e as outras relações sucessivas quando deseja continuar o movimento. Mas se supormos que a resistência diminui progressivamente ao ponto de tornar-se insensível, o último ponto do esforço decrescente será o limite, e assim o desaparecimento de toda a percepção de todo conhecimento.

Na *Influência do hábito* Biran (p.17-19) argumenta que o movimento contrário se aplica da mesma forma que o movimento livre, a percepção deste último esta igualmente no esforço, que proporciona aos diversos graus de resistência que os músculos se opõem a vontade, à medida que a inércia muscular diminui o esforço ou mesmo a impressão do movimento enfraquecem e acabam por desaparecer, o movimento se dá então sem consciência e sem vontade.

Vemos que a impressão do esforço é susceptível de uma multiplicidade de nuances após seu máximo que corresponde a um obstáculo invencível, impenetrável até o último grau de resistência de um musculo, em segundo lugar, enquanto esta impressão subsista haverá sempre uma relação entre o eu que deseja e o obstáculo que resiste, tal é a origem e o fundamento primário de toda relação: “Que o obstáculo seja fixo, o esforço depende da vontade, mas se a resistência diminuir até desaparecer o esforço e a vontade desapareceram com ele.” (BIRAN *Influência do hábito* p.19).

Assim Biran dirige suas críticas contra o método usado no século XVIII, revelando a insuficiência deste método pontuando as características mais profundas da vida psicológica. Mas é por buscar estas características que se depara com certos aspectos obscuros da natureza humana. Destes aspectos apresentamos dois: A existência de uma atividade voluntária, essencialmente espontânea, na qual nenhum signo exterior

manifesta tal ímpeto e a aparição do sentimento de consciência resultante de uma dualidade interna onde o ser reconhece a si mesmo.

É por não ter se atentado a este fato que para Biran a filosofia do século XVIII é vista como impotente, mas enfatiza que agora é conveniente lhe dar um lugar em um estudo exaustivo do homem. Maine de Biran assinala de modo totalmente novo as características essenciais e frequentemente desapercebidas dos fenômenos psicológicos, mas ele deve dar conta antes de tudo desta atividade que se duplica de um sentimento de consciência.

A este respeito um fato particular retém sua atenção. Biran não se satisfaz com um trabalho crítico onde a fraqueza dos métodos caro ao empirismo seja o único indicado. No decorrer da crítica ele percebe um meio de analisar o que há de original na natureza humana. Muito embora, é fazendo partir da existência da atividade voluntária e do sentimento de consciência que Biran começa a compreender a via por onde é necessário considerar a vida humana.

Não há entre todos os fatos psicológicos um fato privilegiado, mas o esforço, precisamente o *esforço motor voluntário* indissolivelmente unido às duas características da vida psíquica parece ser o ponto de apoio. Todo esforço supõe um amplo entendimento da atividade voluntária. Por definição, ele não é outra coisa senão um conjunto de gestos iniciados livremente e livremente executados em virtude de um poder de iniciativa inerente ao próprio ser.

Assim a atividade não poderia ser mais bem estudada do que na própria força que a determina. O *esforço* implicaria ao mesmo tempo o desenvolvimento de uma ação e um sentimento de consciência. A causa atuante é percebida interiormente numa espécie de retorno a si onde se apreende por oposição ao que ele produz. Nada pode revelar mais plenamente a consciência que o ato pelo qual ele aparece.

Em suma: “o sentimento de minha força (*moi*) é que produz o movimento e o *esforço* sentido na contração muscular são os dois elementos constitutivos da percepção do *esforço voluntário*. (*BIRAN Memória sobre a decomposição... p.80*)”. Neste esforço a ação e a consciência se determinam reciprocamente “um tal poder se verifica imediatamente pelo poder que exerce, e ele não o exerce a não ser enquanto é ou pode ser atualmente verificado pela consciência. (*BIRAN Ensaio sobre os fundamentos da psicologia p.68*).” Estamos assim diante de um fato particular que oferece as mesmas

características de toda a vida psicológica o qual um estudo concreto e preciso deveria ser feito.

4. A psicologia de Maine de Biran

Podemos dizer que Maine de Biran é um dos “restauradores” da ciência psicológica pela acuidade com que propôs determinar corretamente seu método. A concepção que ele se esforça por fazer prevalecer difere das dos escoceses e dos ideólogos. Para os escoceses a psicologia deve se servir de um método idêntico ao da ciência física, ou seja, observar os fatos classifica-los, se livrar das leis e ambos seriam ciências essencialmente indutivas. Assim encontra-se suprimido a antiga oposição assinalada por Bacon, entre a ciência da natureza e a ciência do espírito, seja interno ou externo e os fatos seriam estudados após os mesmos procedimentos.

Já os ideólogos, discípulos de Condillac reduzem a psicologia à observação das diversas fases pelas quais a sensação se purifica se transforma tornando-se pensamento ou vontade, esta espécie de química Stuart Mill chamara posteriormente de “química mental”.

Tanto um quanto o outro são censurados por Biran por terem confundido a ciência do objeto e a ciência do sujeito o estudo do fato interno e do externo e de se posicionar para estudar o homem externamente como Condillac com sua estatua. Para Biran a psicologia difere essencialmente das ciências físicas, pois se apoia sobre apercepções internas imediatas que trazem consigo o sentimento da realidade do sujeito e da causa do fenômeno interno, enquanto que a noção de causa ou de substância não é nada mais que associada a observação dos fenômenos externos. O ceticismo pode colocar em dúvida a realidade destes fenômenos, mas não pode fazer nada contra o sentimento íntimo da existência do sujeito.

Para Biran os *atos internos* são composições primitivas solúveis também em dois elementos: os fenômenos ou afecções simples da sensibilidade animal e a noção de um sujeito permanente no qual estas afecções são inerentes como modalidades ou de uma causa interior que as efetue no tempo.

A ciência destes fenômenos internos orgânicos, conhecidos sob o título de fisiologia é a ciência da natureza viva. Seguindo os procedimentos da física cujo ela é um ramo esta ciência se liga igualmente de uma maneira exclusiva as afecções ou aos fenômenos da vida e da organização, fazendo abstração ou confundindo o sujeito idêntico e permitindo que o percebamos ao mesmo tempo em que a causa interna que os efetua, como da vontade que pode concorrer as vezes a produzi-los e sempre modifica-los. A fisiologia é mais que a física uma ciência de puros fenômenos cuja observação pelos sentidos e experiência exterior repetida determina a ordem de analogia e sucessão sem que haja ali lugar para procurar ou mesmo conceber a existência real da substância ou da causa. (*BIRAN Relações das ciências naturais com a psicologia p128*)

Os fatos primitivos do sentido íntimo, ou melhor, o *fato primitivo único* (*sui generis*) que reúnem em si a característica da natureza e do indivíduo consiste numa relação fundamental única simples ou irresoluta em termos fenomênicos onde a causa o efeito o sujeito e o modo ativo se encontram unidos indivisivelmente no mesmo sentimento ou na mesma percepção do *esforço* cujo músculos submetidos a vontade são os órgãos próprios. É desta impressão original de um esforço que derivam todas as ideias de força ou de causa.

A psicologia para Biran (*BIRAN Relações das ciências naturais com a psicologia p.135*) é definida como a ciência que se liga de início a este *fato primitivo* e aos seus derivados imediatos: “Propõe-se em fazer uma análise completa dos fatos externos e designando a parte fenomênica do objeto a parte real do sujeito, para assim reconhecer os verdadeiros elementos formais destes fatos... e apoiando-se sobre o fato evidente e irreduzível da consciência ou da existência do eu”.

Segundo Voutsinas (1975 p.8) Biran usa de uma maiêutica psicológica sobre o terreno de investigação, que sob si mesmo busca demonstrar os impulsos do próprio psiquismo. Na medida em que avança no que chama de “galerias subterrâneas da alma” ele descobre verdades que enriquecem a ciência psicológica. A psicologia escreve Biran (*BIRAN Jornal p.148*) “é uma ciência dos fatos interiores de uma espécie particular, estes fatos são do homem e são tão antigos quanto ele...”

Assim podemos dizer que as fontes da psicologia biraniana é em primeiro lugar seu próprio eu, descoberta por sua autoanálise que serviu de fundamento para confrontar com os dados fornecidos pelos outros autores transposto por ele. Uma segunda fonte

deve-se as pesquisas e trabalhos de certos predecessores, mas que apenas Maine de Biran no século XIX dará um caráter científico.

Eis as fontes de onde emanam as palavras de Maine de Biran que nos faz dizer que ele tem aberto a era da psicologia na França, psicologia enquanto ciência espalhando como diz G. Dumas (1905 p.98) “todas as especulações ontológicas – em profundidade: que elas são extraídas de um conjunto conflituoso de personalidades, que ali se opera conforme certo método que posteriormente foi consagrado na ciência psicológica por Sigmund Freud”.

Referências Bibliográficas

Maine de Biran, *Œuvres*, Pierre Tisserand, Paris, Ladrangue, 1841.

GOUHIER, Henri. *Les conversions de Maine de Biran. Histoire philosophique du sentiment religieux en France*, Paris, Vrin, 1948.

DELBOS, Victor. *Maine de Biran et son oeuvre philosophique*, Paris, Bnf, 1931.

VOUSINAS, Dimitri. *La psychologie de Maine de Biran*, Paris, K.I.P.E, 1975.

NAVILLE, Ernest. *Maine de Biran: Sa vie et ses pensées*, Paris, Bnf, 1857.

CONDILLAC, E. B. *Oeuvres complètes de Condillac*, Paris, Publisher Baudouin, 1827.

CHARLES, Lichtenthaeler. *Histoire de la médecine française magendie physiologiste et neurologue français. 1783-1855*, Paris, Fayard, 1978.

FUNKE, Gerhard, Maine de Biran. *Philosophisches und politisches Denken zwischen Ancien régime und Bürgerkönigtum in Frankreich*, Bonn, Bouvier, 1947.

BAERTSCHI, Bernard, *L'ontologie de Maine de Biran*, Fribourg, Editions Universitaires, 1982.

HENRY, Michel. *Philosophie et phénoménologie du corps. Essai sur l'ontologie biranienne*, Paris, P.U.F, 1965.

LE ROY, Georges. *L'expérience de l'effort et de la grâce chez Maine de Biran*, Paris, Boivin, 1937.

Recebido em: 12/05/2017

Aceito em: 04/05/2018